



O DESBRAVADOR

ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"



São José
Moscati
Médico
Santo,
exemplo
para os
nossos
dias

Num mundo corrompido como o nosso em que a virtude é desprezada e vilipendiada, é maravilhoso saber que existiu um santo que fez de sua atividade de professor universitário e médico um constante serviço para a glória de Deus e salvação das almas.

Que bom seria se outros como ele assim se dedicassem.

Conceda-nos Nossa Senhora esta graça.



Escrevem os leitores



"... Prezados colaboradores de tão bela revista, unida também a Dom Bosco. Recebi hoje sua revista cheia de assuntos vários. Fiz uma leitura na classe dos alunos, muitos pediram o endereço....Mais uma vez venho agradecer pela revista, "O Desbravador", muito apreciada na sala de leitura dos salesianos do Liceu Auxiliadora..."

IRMÃO LEONEL MARIANO S.D.B.
CAMPINAS - SP

"... Que a Virgem Mãe de Deus e Senhora nossa continue protegendo e abençoando tão precioso apostolado..."

Prof. ANTÔNIO C. ANDRADE DE CARVALHO
CAMPOS DOS GOITACAZES - RJ

"... Faz um ano que tenho a felicidade de receber a revista, "O Desbravador", graças a meu irmão que a tem recebido a mais tempo e me indicou. Com esta revista esclarecem-se com segurança muitas dúvidas, tanto para mim, como às pessoas que me questionam. Para que a revista possa continuar, estou enviando em anexo, xerox do depósito feito no Bradesco, como colaboração espontânea..."

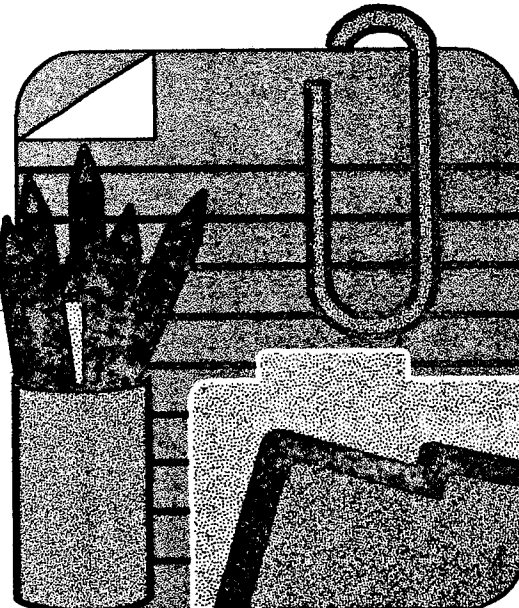
NAYR MARIA BONDAM
MONTENEGRO - RS

"... Continuem seu proficuo apostolado..."

Dr. OSMAR UTINGUSSÚ
PORTO ALEGRE - RS

"... Estou lhes enviando este cheque, como nossa contribuição, para que não nos falte esta revista cheia de bons exemplos, conselhos e cheia de sabedoria. Agradecendo sempre o seu trabalho e dedicação a uma causa tão santa pedimos a Nossa Senhora, que sempre os proteja e ilumine..."

NEUSA COUTO SENRA E
FRANCISCO FERNANDES SENRA
BELO HORIZONTE - MG



O DESBRAVADOR

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

DIRETOR
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
ANSELMO LÁZARO BRANCO
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
JAIR AGENOR RIBEIRO
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO
PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA
PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO
SHEFFERSON SANDER FERREIRA

EXPEDIÇÃO
JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
ROGÉRIO VERÍSSIMO
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

COMPOSIÇÃO
ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"



CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 6416
01064 - 970 SÃO PAULO SP

Editorial

Trazemos na presente edição alguns fatos da vida de São José Moscati, médico italiano que viveu de fins do século passado a meados do presente século.

Aliás, é uma republicação que com muita alegria fazemos. Tomamos conhecimento da vida do santo em uma revista italiana. Causou-nos interesse a vida do médico que "pagava" seus clientes.

Quando um amigo nosso foi para a Itália nos trouxe uma substanciosa biografia de S. José Moscati. Trouxe ademais fatos que hauriu na terra do santo (Nápoles). Entre estes encontrou um impressionante e que foi o ponto de partida que culminaria com a sua canonização.

O Dr. Moscati morrera com fama de santo. Dois anos após sua morte uma senhora com câncer vai a uma farmácia adquirir remédios. Mostra a receita e o farmacêutico lhe pergunta quem receitara os remédios. Ela respondeu que fora o Dr. Moscati que há alguns minutos lhe dera a receita. O farmacêutico disse ser impossível pois ele morrera há dois anos. Ela respondeu que acabara de ser consultada por ele.

A notícia se espalhou como um raio. Em pouco tempo a fama e a devoção ao Dr. Moscati correram mundo.

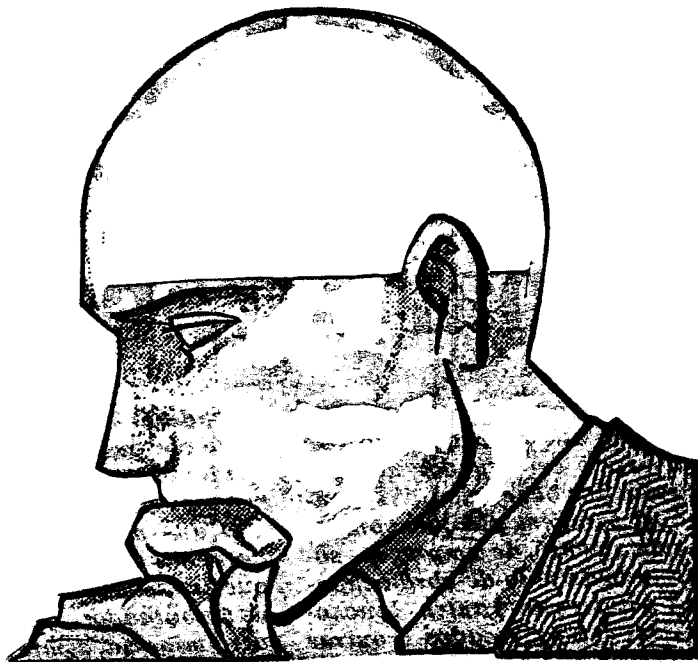
São José Moscati é uma mostra que todos podemos ser santos. Ele o foi eximamente como médico e professor universitário.

Nós também podemos seguir o caminho da santidade. Meios não nos faltam.

Que São José Moscati e Nossa Senhora, de quem ele foi exímio devoto, nos alcancem a graça de trilhar o caminho radical da santidade e de ajudar a levar os outros nesse caminho.



BUSQUEMOS O ETERNO



Algumas pessoas fazem seus sonhos tendo em vista uma suposta existência de uma espécie de paraíso terrestre.

Claro que não estamos falando num sentido literal, mas para essas pessoas o ideal é chegar a uma situação em que a felicidade absoluta seja alcançada neste mundo.

É a moça que sonha com um príncipe encantado com quem viverá feliz para sempre. É o executivo que não vê a hora em que se aposentará e poderá usufruir as coisas desse mundo. É o pequeno negociante que sonha com uma grande indústria e assim por diante.

Pobre de quem pensa assim! Seja porque raramente atinge o início do sonho. Seja porque as situações mudam, seja porque uma morte inesperada trunca o sonho dourado.

Ai de quem vive para as coisas fugazes e passageiras deste mundo! Ai de quem faz de coisas que são meios o fim de suas vidas! Vive insatisfeito e insatisfeito morrerá.

As honras, as riquezas, as pessoas são mortais. Tudo passa. Não será loucura depositar as esperanças no que morre?

Não nos iludamos. Se não quisermos viver vazios e frustrados, se não quisermos morrer desesperados, se pretendemos ter uma eternidade feliz, façamos do fim de nossa vida o Bem Supremo, Deus, Nosso Senhor. Então, lamentaremos não termos feito isso antes, não termos feito d'Ele, o Objetivo, a Meta, a Razão de nossa existência.

Diremos então como Santo Agostinho: *"Tarde Te amei, Beleza tão antiga e sempre nova; tarde Te amei"*.

Gostaríamos de dizer ao encerrar, que ninguém é contra buscar bens materiais, sonhos, metas, desde que legítimos.

O que dizemos é que estas coisas são meios e meios passageiros. E devemos ter como meta o Eterno, e Este é Deus.

São José Moscati, um médico santo



No consultório do Dr. José Moscati, onde ele examinava os doentes, havia um cestinho. E quando o paciente dizia: "Quanto lhe devo Doutor?", ele respondia: "Pense em ficar bom. Depois, se tem qualquer coisa, coloque no cestinho; se tem necessidade pegue o que te serve". Assim era José Moscati o médico que pagava seus doentes, médico exemplar canonizado por Sua Santidade o Papa João Paulo II em 25 de outubro de 1987.

Um dos problemas que muito se discute em nossos dias é o da saúde. Fórmulas, são buscadas e pouco se consegue nesse campo.

O personagem do presente artigo é uma amostra daquilo que seria a solução para o problema: a existência de médicos santos.

Quando se vê médicos - contrariando os juramentos que fazem - recusarem-se a atender enfermos. Quando se vê, nos hospitais em greve, doentes correndo sério risco de vida, quando médicos promovem o horrendo crime do aborto, nós dizemos que São José Moscati é uma luz a mostrar que se tivéssemos médicos verdadeiramente católicos a situação dos doentes e não só a deles - seria completamente diversa e para melhor.

São José Moscati é um exemplo e um luminar para nossos dias. Primeiro porque viveu em nosso século, sendo portanto mais que atual; em segundo lugar era um leigo e com isso nos mostra que a santidade está ao alcance de todos; e finalmente foi médico e nisso ensina como deve ser a conduta de quem trabalha na saúde: dedicação infatigável à cura dos corpos e sobretudo um imenso esforço apostólico em prol da salvação das almas.

Traços biográficos

Nasceu em 25 de julho de 1880 em Benevento, Itália. Batizado no dia 31 do mesmo mês, fez sua primeira comunhão em 27 de dezembro de 1890 e a crisma no dia 3 de março do mesmo ano.

Cursou a Faculdade de Medicina e Cirurgia de Nápoles onde se formou em 1903.

Moscatti desenvolveu toda sua carreira no Hospital dos Incuráveis de Nápoles, onde foi clínico, professor e acima de tudo um médico apóstolo. Ao mesmo tempo exercia intensa atividade de clínica médica particular, na qual também prodigalizou a sua caridade cristã.

Descrever toda vida de nosso santo em muito excederia o âmbito do presente artigo. Aqui falaremos de sua caridade com os doentes, especialmente os pobres e seu apostolado.

Trabalhador insano, diariamente assistia missa, comungava e recitava o rosário. Devotíssimo de Nossa Senhora em sua honra convidava seus circunstantes, fossem quem fossem, a rezar o Angelus.

Desinteressado pelos bens materiais, era de moral inatacável e ao cabo de sua existência não só venceu as tentações, como fez no ano de 1914, voto de castidade que fielmente cumpriu.

Sua caridade

Em carta de 1922, Moscati escreve: "Não a ciência, mas a caridade transformaram o mundo..." Em outra ocasião: "Exercitaremos todos os dias na caridade. Não esqueçamos de fazer em todos os dias, em todos os momentos mesmo, ofertas de nossas ações, a Deus, fazendo tudo por amor".

Se assim escrevia, assim agia.

Certa ocasião lhe mandaram uma jovem tuberculosa, com um bilhete, onde diziam que a enferma era pobre. O professor Moscati consulta-a, prescreve a cura, não cobra nada e despede a enferma que tem a surpresa de verificar no meio da receita uma nota de 50 liras.

Certa manhã quando ele assistia missa na Igreja de Santa Clara um fiel sentiu-se mal. "O professor Moscati foi o primeiro a socorrê-lo e depois de lhe ter dado os primeiros socorros convidou o coitado a ir mais tarde ao hospital para examiná-lo melhor. Veio o paciente ao ambulatório e disse secretamente ao professor que o seu mal-estar era ocasionado por estar três dias sem comer. O professor Moscati então, secretamente, ofertou ao miserável notável soma.

De outra feita o professor Moscati veio a Amalfi expressamente para visitar um advogado enfermo. Após a consulta, a filha lhe entregou um envelope contendo os honorários. Mas, o Professor, tendo notado que a casa não era de acordo com o estado da família, disse que não queria nada. A senhorita, talvez por conveniência e dignidade insistiu eficazmente para o professor aceitasse o honorário; mas ele foi forte e não quis absolutamente nada.

De outra feita, convidado por uma família de Lecce que apressou sua intervenção e lhe depositou num envelope, um honorário de 3000 liras, soma considerável na época. Ei-lo apressado em ir em direção aos pobres para distribuir todo o dinheiro que havia ganho.

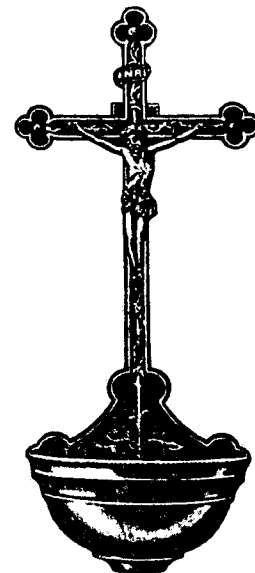


"Para ele o pobre era o irmão ignorado, o mais digno de socorro". (professor A. de Marsico).

Quando o professor voltava para casa entregava à sua irmã Nina uma lista com o endereço dos pobres que tinha visitado (gratuitamente é claro) e recomendava à irmã que providenciasse obras de caridade.

Salvatore Pipolo, que trabalhava no açougue do pai, perto da casa do santo conta:

"Ia freqüentemente na casa do professor Moscati porque a irmã Nina encomendava quase todos os dias vários quilos de carne para fazer beneficência".



Seu apostolado

Dizia nosso santo:

"É bom que o enfermo se coloque na graça de Deus. Quando Deus vem ao nosso coração, na Santa Comunhão, nos dá paz, resignação, coragem, esperança".

Em outra ocasião:

"Eu sinto meu coração arrebatado ao pensar que tantas almas estão longe de Deus; gostaria de conduzi-las todas aos pés do Senhor, queria que todas se convertessem".

Essas suas palavras são bem o reflexo do que foi seu espírito apostólico.

Um médico seu amigo nos diz:

"A todos enfermos que se apresentavam a ele no hospital, perguntava se estavam em paz com Deus e há quanto tempo não frequentavam os Sacramentos. Na sua medicina privada ele seguia a mesma prática; sem distinção de pessoas, ainda que notáveis, exortava os doentes graves a se aproximarem dos Sacramentos logo, ainda sabendo que feria as susceptibilidades da família, e isso porque, como sempre dizia, o único escopo da profissão era aquele de salvar almas ainda antes de curar os corpos".



Alguns casos maravilhosos

Indo a um congresso médico em Edimburgo encontrou um menino moribundo, filho de judeus. Viu logo a oportunidade de lhe abrir as portas do paraíso. Encontra uma gotas de água e o batiza. Voltando a Nápoles perguntou a um padre se o batismo fora válido, e diante da resposta afirmativa seu rosto resplandeceu de alegria. Este fato era para ele sua melhor lembrança de Edimburgo.

Em fevereiro de 1927 ele foi visitar um velho notário de 78 anos, ateu convicto desde a juventude. Bastou que o santo dissesse que ele aceitasse os confortos religiosos, veio o padre, o qual, por muitos dias ainda ficou a cumprir sua missão junto ao doente, que depois sarou completamente.

Conta o Padre Aromatizi, S. J.:

"Eu mesmo uma vez, à uma da madrugada, chamado telefonicamente, levei os Sacramentos a um convertido de Moscati. E dizendo eu: como farei para dar a Comunhão? Moscati respondeu: vamos juntos, porque eu já o preparei para a Confissão e para a Comunhão. Com efeito ele veio comigo no carro, recitando orações à Eucaristia. E chegando a casa do doente

esperei uns minutos e depois ele me chamou ao quarto do enfermo".

Um doente grave, com tumor no estômago, acercou-se da Confissão e da Comunhão das quais estava longe e declarou que o fez diante da bondade do santo que com palavras convincentes, cheias de fé o haviam feito decidir a buscar os Sacramentos como o fez com grande fé e fervor.

"Perguntei-lhe uma vez, narra o Dr. Napoli, porque tinha renunciado ao pagamento da consulta de um doente..., que estava em gravíssimas condições e que era um grande pecador e ele me respondeu:

- "Vou convertê-lo. Ter salvo uma alma será o maior pagamento que possa ter a minha modesta profissão de médico". O enfermo, depois de alguns meses morreu cristãmente.

Quando estava à cabeceira de qualquer doente gravíssimo que recusava os Sacramentos, a sua palavra encontrava acentos de persuasão que penetravam e convenciam.

Um velho enfermo, com câncer no estômago recusava obstinadamente os Sacramentos. Uma religiosa o tinha encontrado e suplicado várias vezes, mas não conseguira convencê-lo.

Estão o professor Moscati aproximou-se de seu leito e falou muito. O que disse? Mistério. Maravilhosamente o doente pediu para se confessar e comungar.



Foto di S. Giuseppe Moscati, ricatata da un gruppo d'epoca. (Foto Cav. V. Di Cesare)

Um dia enquanto visitava um advogado seu amigo disse:

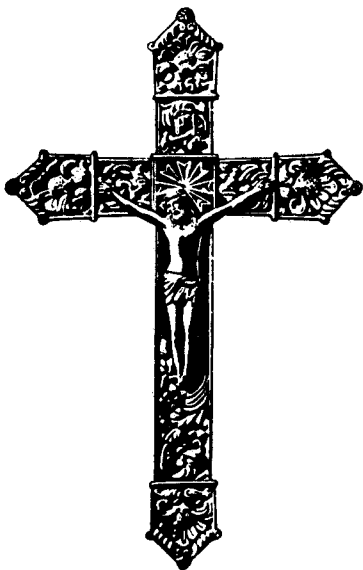
"Aproxima-te de Deus, confesse, faça a Santa Comunhão e ficarás melhor", depois lhe prescreveu os remédios necessários. Um após o advogado volta ao seu consultório porque não havia sarado por completo. O santo o olha e sem muitas perguntas lhe diz de pronto: "Não fizeste uma confissão, por isso não ficaste curado".

A um operário que tinha sarado de uma grave moléstia dos pulmões e que lhe ofereceu os honorários, respondeu sereno: "Se me queres pagar vai a confessar-te, porque foi Deus quem te salvou".

De um jovem doente de câncer no estômago, que recorrera a ele, não quis recompensa, em troca lhe pede para "colocar-se na graça de Deus".

Os seus colegas não compreendiam porque recusasse os honorários de um paciente que havia curado e assistido espiritualmente. Ele dizia: "A melhor recompensa é que eu tenha convertido uma alma".

Pessoas famosas como seu professor de bioquímica, Pascoale Malerba, o jornalista Federico Verdinois e o célebre tenor Enrico Caruso foram por ele levados ao Senhor. A este último fez receber os Sacramentos.



Provavelmente o caso de maior repercussão da atividade apostólica de São José Moscati foi por ocasião da morte do professor Leonardo Bianchi.

Ele era médico, professor, deputado, ministro e infelizmente maçom e anticlerical tendo chegado a atacar em uma conferência a Nosso Senhor.

Tinha 79 anos e estava em pleno vigor. Fazendo certa feita uma conferência, ao terminar, enquanto recebia os aplausos teve um ataque cardíaco. Os médicos presentes procuraram socorrê-lo, o Professor Moscati mandou chamar um padre e de crucifixo na mão recitou o ato de contrição que o professor Bianchi acompanhou enquanto apertava a mão do santo. O padre chega e somente tem tempo de administrar a *Éxtrema-Unção* de fórmula breve.



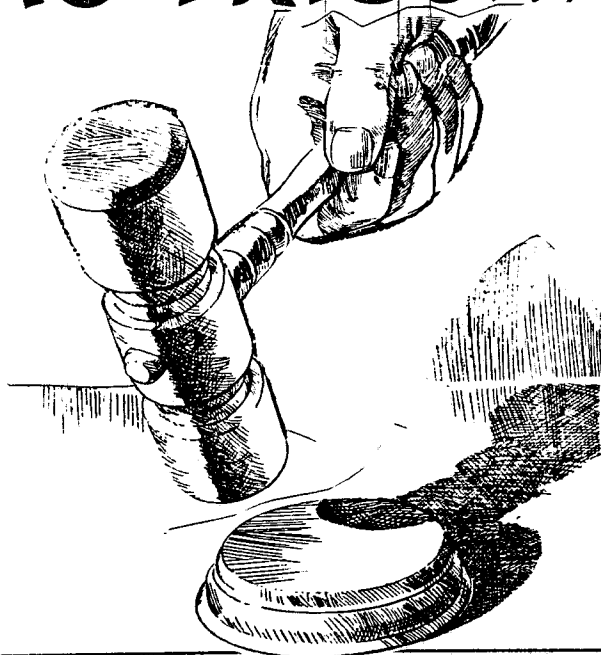
O cardeal Ascalesi disse a propósito a uma freira, sobrinha de Bianchi: "Seu tio se salvou porque se encontrou junto de um missionário que é o professor Moscati".

Podemos resumir sua vida numa frase do doutor Ponsiglione: "Para os doentes era médico e sacerdote, levava a eles a ajuda da sua doutrina e o conforto da palavra de Deus".

São José Moscati é um exemplo em nossos dias. Num mundo sem fé, ele testemunhou a sua de maneira impávida. Numa época em que poucos se dedicam ao apostolado, ele na sua função de médico foi um apóstolo modelo. Numa profissão sublime, mas tanto denegrida ele não só cumpriu seu dever estritamente profissional, como fez dela campo de caridade e apostolado.

Conceda-nos a Santíssima Virgem de quem ele foi devotíssimo outras pessoas como ele e rezemos para o leitor resolva doravante imitá-lo qualquer que seja sua atividade.

DO TÚMULO AO TRIBUNAL



No século XI a Polônia foi testemunha de um fato, talvez único na história, que se teria pôr fábula se não tivesse sido presenciado por grande multidão.

Boleslau era um príncipe cruel e dissoluto, que fez a Igreja derramar amargas lágrimas.

O santo bispo Estanislau opôs-se, qual João Batista, à impiedade do novo Herodes, e com apostólica coragem, desprezando-lhe as ameaças, atirou-lhe em rosto as rapinas e roubos que praticava contra seus súditos afim de ter dinheiro com que saciar sua cobiça.

Por esta ocasião morreu um rico de nome Pedro Miles e deixou como herança para a Igreja uma vasta quinta para esta lhe sufragasse a alma com missas e orações.

Passaram vários anos e neste tempo Estanislau com as rendas da quinta ia ajudando os pobres, as viúvas e os órfãos.

Eis que os herdeiros de Pedro vieram a saber que o bispo não possuía papel que lhe autorizasse a posse do campo; e levados pela fome do dinheiro, espezinhando a voz da consciência, apresentaram-se a Boleslau reclamando o terreno. O perverso monarca, em ódio ao bispo, apoiou suas pretensões e confiscou dos bens do legítimo dono.

Vendo faltar a justiça humana apelou Estanislau para a Divina; e prometeu que haveria de conduzir ao tribunal o morto para atestar a verdade da doação.

A proposta foi recebida com um riso de escárnio pois Pedro Miles, sepultado há tempo, nada mais era que um esqueleto.

O santo bispo, cheio de confiança em Deus, ordenou jejum e orações por três dias; findo o prazo dirigiu-se em procissão ao sepulcro do doador, acompanhado do clero e de imensa multidão.

Suspendeu-se a lage e dentro do jazigo não se viam mais que poucos ossos e um punhado de cinza. Silêncio profundo reinava naquela turba muda; e um calafrio de terror dominava a cada um.

O venerando bispo elevou os olhos aos céus, e depois falou, com voz clara e sonora:

- "Em nome de Jesus Cristo, levanta-te e segue-me".

Os ossos áridos escutaram a voz poderosa do santo. Uniram-se, revestiram-se de carne e das vestes e o defunto Pedro Miles apareceu no verdor de sua saúde, são e robusto.

Um grito de estupor brotou daquela multidão como um rugido do oceano enraivecido. Estanislau tomou pela mão o morto ressuscitado e encaminhou-se para o tribunal.

Calcule cada um a raiva e a vergonha dos herdeiros a quem Pedro ordenara a distribuição de sua herança, e o espanto dos juizes e do rei àquele aparecimento de além-túmulo.

O defunto declarou a verdade da doação feita à Igreja, assinou o ato legal e depois, sempre seguro pela mão do bispo, voltou ao cemitério.



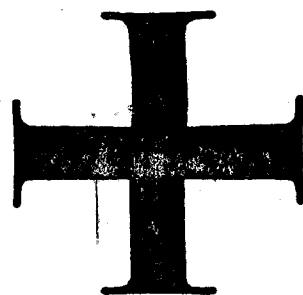
Pelo caminho disse estar ainda no purgatório e recomendou-se às orações dos fiéis. Chegados ao túmulo abraçou o santo bispo, saudou a multidão e, a seguir, colocou-se novamente na cova e tornou-se pó como antes.

Aquela sepultura foi fechada para sempre; e se abrirá somente no dia do juízo, ao som da angélica trombeta.

O fato foi estrondoso e é impossível negá-lo diante do testemunho de milhares de pessoas. Porém, quem haveria de acreditar?

Boleslau não quis respeitar o santo bispo que operava tais prodígios; e continuou a perseguí-lo e a escandalizar a Polônia com seus costumes dissolutos.

Então Estanislau, após reiteradas admoestações, excomungou-o.



Furioso, o rei ordenou a seus soldados que atassem o prelado enquanto oferecia o Santo Sacrifício. Mas eles não ousaram profanar o templo santo e por as mãos sobre o ungido do Senhor. Irado, o novo Nero assassinou-o com as próprias mãos, na hora em que erguia a cálice consagrado na Elevação. Assim o Mártir mesclou seu sangue ao do Cordeiro Imaculado e expirou apertando ao coração a Hóstia divina, implorando para o seu algoz a misericórdia do céu.

Ainda não saciado, o feroz monarca fez cortar em pedaços o venerando cadáver; e mandou que fossem espalhados pelos campos para servir de alimento aos animais selvagens.

Mas Deus enviou águias e falcões em defesa dos membros do mártir; e em meio às trevas da noite fez com que brilhassem fortemente, com fulgurante luz.

Os cônegos da catedral de Cracóvia recolheram-nos com respeito e os uniram e, neste momento, um novo prodígio se sucedeu:

Aqueles membros separados uniram-se outra vez e formaram o cadáver do santo, aureolado de celestial beleza, íntegro e sem sinal de ferida.

Glória ao mártir da Polônia e ignomínia ao perverso perseguidor da Santa Igreja Católica!



A PERFEIÇÃO

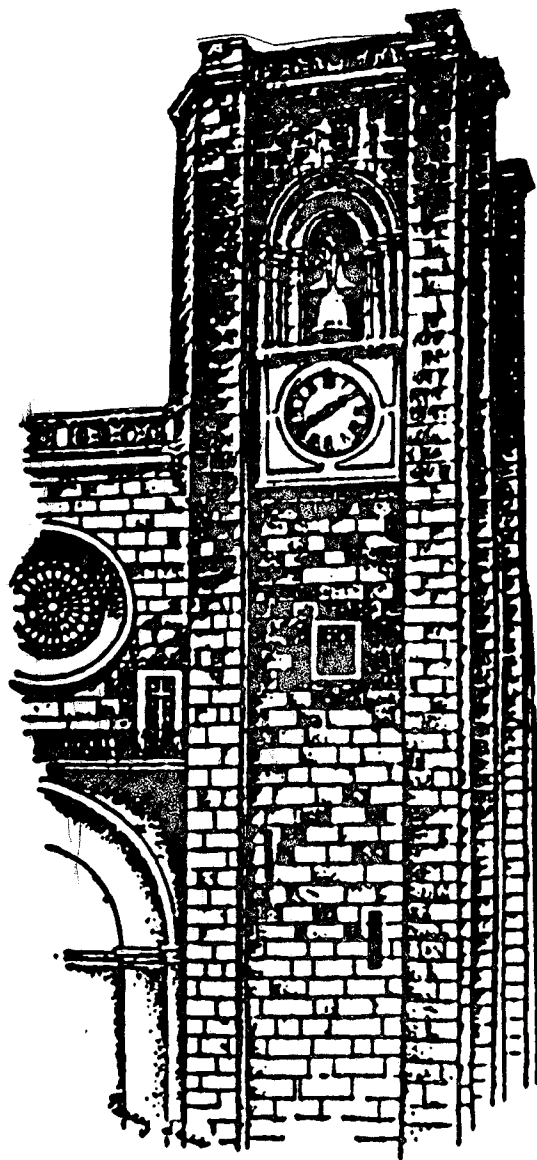
E A VIDA ETERNA

Não há dúvida alguma que os santos, no paraíso, serão recompensados muito acima dos seus merecimentos, segundo se lê em S. Lucas (Lc 6, 38): "Dar-se-vos-á uma boa medida, bem cheia, recalcada e acogulada", e S. Paulo: "Tenho por certo que os sofrimentos da vida presente não tem proporção alguma com a alegria futura que se manifestará em nós" (Rom 8, 18).

Apesar disso os santos não participarão, em grau igual, da visão beatífica, pois não tendo todos o mesmo grau de santidade e méritos, não podem ser recompensados igualmente. Esta verdade é confirmada pela Sagrada Escritura, na qual nos afirma o Salvador que na casa de seu Pai existem muitas moradas (Jo 14, 2).

O mesmo nos diz S. Paulo: "Uma estrela difere da outra em claridade: o mesmo se dá com a ressurreição dos mortos" (Cor 15, 41) e em outro lugar: "cada um receberá sua recompensa segundo o seu trabalho" (1 Cor 3, 8). No mesmo grau que uma alma ama a Deus aqui na terra o amará também no céu.

Contudo, existe uma dupla diferença: na terra amamos com liberdade, no céu por necessidade; no céu, ainda que o amor em sua essência seja o mesmo que na terra, será ele muito mais intensivo e perfeito que na vida presente. Esforcemo-nos, pois, em amar a Deus com todas as nossas forças e para isto excitemos em nós muitas vezes a caridade e conformemo-nos em tudo, mas em especial nas contrariedades da vida, com as santíssima vontade de Deus. Trabalhem também para inflamar os corações dos outros com este santo amor.



Mais que tudo, porém, peçamos incessantemente ao Senhor que aumente em nós o seu amor, pois essa graça nos será negada se deixarmos de a pedir. Digamos por isso muitas vezes: Ó meu Deus, dai-me vosso amor e nada mais de vós desejo. Dai-me vosso amor e em mim aumentai-o até ao último instante de minha vida. Fazei que eu vos ame aqui na terra cada vez mais, para vos amar então por toda a eternidade. Ó meu Jesus, atraí-me inteiramente a vós, para que nada busque fora de vós, nada deseje senão a vós. Ó meu amado Salvador, fazei que eu pertença inteiramente a vós. Arrancai-me toda a inclinação que não se refira a vós. Concedei-me o dom de vosso puro amor, de um amor isento de todo o apego terreno. Prendei-me cada vez mais a vós com os laços de vosso santo amor.

Uma alma que aspira à perfeição deve fazer sacrifícios: deverá suportar toda a espécie de aflições, dores e perseguições. Esses sofrimentos todos cessarão, porém uma vez. "Vossa tristeza converter-se-á em alegria" (Jo 16, 20), diz Nosso Senhor. Essa alegria será tanto maior quanto maiores tiverem sido os sofrimentos. "Segundo a multidão de minhas dores em meu coração, as tuas consolações alegraram a minha alma" (Sl 93, 19). Oh! Que delícias gozarão as almas no paraíso! Segundo o testemunho de S. Paulo são elas inenarráveis: "O olho não viu, nem o ouvido ouviu, nem jamais experimentou o coração do homem o que preparou Deus àqueles que o amam" (1 Cor 2, 9). Deverei dizer-vos alguma coisa do céu? Pergunta S. Bernardo, e responde: Lá nada existe que desagrade, mas tudo que pode satisfazer.



Tendo a alma entrado na bem-aventurança de Deus, nada mais encontrará que o desgoste, nada mais que a possa afligir. "E Deus enxugará todas as lágrimas de seus olhos e não haverá mais nem morte, nem luto, nem dor alguma, porque as primeiras coisas passaram" (Apoc 21, 4). No céu não há doença alguma, nem pobreza, nem adversidade de espécie alguma. Lá não haverá mudança de dias e noites, de frio e calor; lá existirá uma primavera eterna e a todos os respeitos deliciosa. Não haverá perseguição e inveja, já que aí todos amar-se-ão ternamente; cada um se alegrará com a felicidade do outro como a própria. Lá não haverá mais temores, pois a alma confirmada em graça não poderá mais perder a Deus. "Eis que faço novas todas as coisas". Tudo é novo, tudo nos alegra e satisfaz. Os olhos regozijar-se-ão com a vista dessa cidade de incomparável beleza.

Que admiração não se apoderaria de nós, se vissemos uma cidade calçada de cristal, com palácios de pura prata forrados de ouro e ornados da maneira mais aprazível com jarros das mais esquisitas flores! Oh! Quanto não fica acima disso a Jerusalém celeste. Que encanto ver os habitantes do céu vestidos com pompa real, pois lá haverá tantos reis quantos os moradores, segundo S. Agostinho. Que delícia ver a Santíssima Virgem, mais bela que todo o céu.



Que prazer ver o Cordeiro de Deus, Jesus, o esposo das almas. Santa Teresa teve uma vez a dita de ver uma mão do Salvador glorificado, sendo tão grande sua beleza que a santa entrou em êxtase. Perfumes esquisitos e fragrâncias paradisíacas nos deleitarão nos céus. Deliciarão nossos ouvidos harmonias sobrenaturais. Um anjo fez S. Francisco ouviu uma só melodia celeste, sentindo-se o santo desfalecer de gozo. Que será então quando se ouvir cantar os coros dos anjos e santos? Que será ouvir a Santíssima Virgem louvar a Deus? A voz de Maria no céu assemelha-se à do rouxinol, que sobrepuja à de todos os outros pássaros, nota S. Francisco de Sales. Numa palavra: o paraíso é o complexo de todas as alegrias imagináveis.

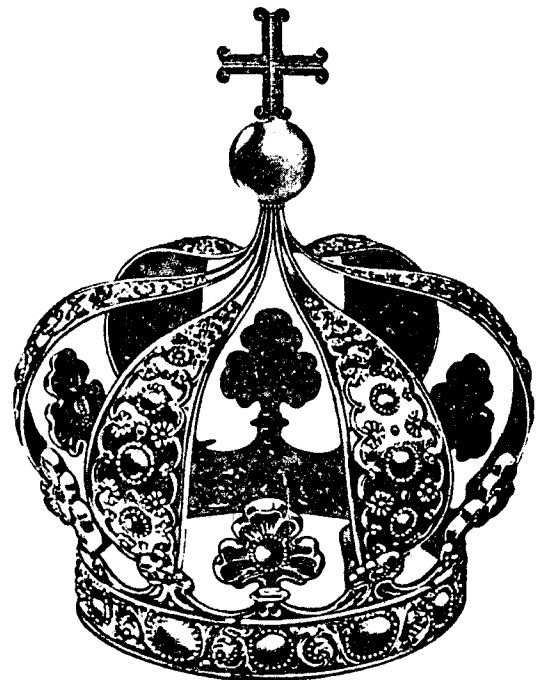


E contudo essas alegrias todas são os menores bens do céu. O que constitui propriamente o céu é o Sumo Bem, é Deus. "Tudo o que esperamos está contido em duas sílabas, Deus", diz S. Agostinho (In Jo X, tract. 4). A recompensa que Deus promete não consiste propriamente em belezas, harmonias e alegrias para os sentidos; a recompensa principal que nos espera é Deus mesmo; ela consiste, em especial, na visão e amor de Deus. "Eu sou tua recompensa excessivamente grande", disse Deus a Abraão (Gn 15,1). Se Deus se mostrasse aos condenados, no mesmo instante o inferno tornar-se-ia um paraíso, diz S. Agostinho.



Tudo o que a alma vir em Deus causar-lhe-á grande alegria: compreenderá quão justos foram seus juízos, quão sábia a diretiva de sua Providência, que visava em tudo unicamente a honra de Deus e a salvação das almas; conhecerá tudo o que lhe diz respeito, verá o amor imenso de Deus para consigo, tornando-se homem por sua causa e sacrificando-se na cruz; perceberá o excesso de bondade, o mistério da cruz, que levou o próprio Deus a fazer-se escravo e a deixar-se condenar como um malfeitor à morte da cruz; desvendará a imensidade do amor recôndito no mistério da eucaristia, onde Deus torna-se o sustento de suas criaturas debaixo das espécies sacramentais; ser-lhe-ão apresentadas todas as graças e favores com que foi cumulada e que até então ignorava; ser-lhe-á desvendada a grandeza da misericórdia com que foi tratado pelo Senhor, já esperando sua conversão, já perdoadando sua ingratidão; ser-lhe-á patenteado o número das vezes que o Senhor a chamou e a esclareceu e sua liberalidade em prestar-lhe apoio; convencer-se-á de que as adversidades, doenças, perdas de bens e parentes, em vez de duras penas, foram amorosas admoestações do Senhor para induzi-la a amá-lo perfeitamente. Numa palavra, tudo o que seus olhos virem a induzirá ao conhecimento da bondade infinita de Deus e de sua infinita amabilidade.

O que faz, entretanto, a alma plenamente feliz no céu é a visão de Deus face a face. Com esta visão adquire um claro conhecimento da beleza infinita de Deus e de todas as suas perfeições que o tornam digno de um amor infinito. Assim não pode deixar de amá-lo com todas as suas forças, amá-lo incomparavelmente mais que a si mesmo, esquecendo-se de si e nada mais desejando que ver feliz o seu Deus, o seu esposo muito amado. Sabendo que Deus, o único objeto de todas as suas afeições, goza de uma felicidade imensa, essa felicidade de seu Deus constitui seu paraíso e se ela fosse capaz de um ato infinito, sentiria com isso uma alegria infinita. Ora, como a criatura é incapaz de experimentar uma alegria infinita, isso bastará para satisfazê-la e contentá-la de tal modo que nada mais deseja. Esta é aquela saciedade por que suspira o salmista, quando diz: "Serei saciado quando aparecer a tua glória" (Sl 16, 15). Assim se realizam as palavras do Senhor: "Entra na alegria de teu Senhor" (Mt 25, 21). Nosso Senhor não diz que a alegria deve entrar na alma, pois trata-se aqui de uma alegria infinita, de que uma criatura é incapaz; mas sim que a alma deve entrar na alegria de Deus. Ora, sendo esta a ocupação constante dos santos no céu, uma alma que muitas vezes produz atos de tal amor, começa aqui na terra e fazer o que praticará por todo o sempre lá no céu.



O amor em que se abrasam os santos no céu é tão grande que, se pudessem temer perder a Deus ou não poder amá-lo como todas as forças, o céu se lhes transformaria num inferno intolerável. Isso, porém, não se pode dar, pois tem tanta certeza de amar a Deus com todas as suas forças e de serem amados por ele para todo o sempre, como da imutabilidade e indefectibilidade de Deus. Por maiores e mais duráveis que sejam as alegrias desta terra, causam sempre enfado quando se protraem por muito tempo; as alegrias celestes, porém, tanto mais apreciadas serão quanto mais forem gozadas e assim os santos sempre as apetecerão e sempre as gozarão, ainda que estejam sempre saciados com posse. O doce canto com que os santos louvam e agradecem a Deus é chamado um novo canto: "Cantai ao Senhor um novo cântico" (Sl 27, 1), e a razão é porque as delícias do céu parecem tão novas como quando se entra na sua posse.

Com toda a razão, diz por isso S. Agostinho que se requereria um trabalho infinito se se tivesse de merecer, no sentido restrito da palavra, esta felicidade. Relativamente pouco fizeram os eremitas com todas as suas penitências e orações para merecerem as alegrias celestiais, assim como tantos santos deixando suas famílias, suas riquezas, e mesmo um trono, tantos mártires sofrendo os horrores do cavalete, as couraças candentes e outras espécies de tormentos.

Procuraremos nós ao menos suportar com resignação os padecimentos que Deus nos enviar, pois, ao entrarmos no céu transformar-se-ão eles em outras tantas alegrias infinitas. Se nos sobrevierem doenças, dores ou outras adversidades, levantemos os olhos para o céu e digamos: todos estes sofrimentos terão seu termo e espero ver a Deus e gozá-lo eternamente. Animemo-nos a suportar todos os padecimentos deste mundo. Feliz daquele que, à hora da morte, puder dizer com Santa Agueda: "Senhor, recebei minha alma, vós que tirastes de meu coração o amor ao mundo e nele implantastes o vosso santo amor". Suportemos todas as cruces e tenhamos em pouco tudo o que é transitório. Jesus nos espera com a coroa na mão para fazer-nos príncipes da corte celeste se lhe permanecermos fiéis.



ERRAMOS

No número anterior (199/200) a data correta das aparições do Sagrado Coração de Jesus é o ano de 1.694.

COLABORE COM O DESBRAVADOR

- ◆ Atravessamos dias difíceis. É sabido que ocorrem dificuldades financeiras em nosso país.
- ◆ Quanto a nós, os gastos cresceram de forma assustadora. Só para darmos um exemplo, a tarifa de correio aumentou-nos consideravelmente.
- ◆ Não queremos e não podemos mudar o que nos propusemos desde o nosso primeiro número, qual seja, "O Desbravador" deve ser gratuito e, com auxílio de Nossa Senhora, continuará a sê-lo.
- ◆ Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa. Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem:

BANCO ITAÚ

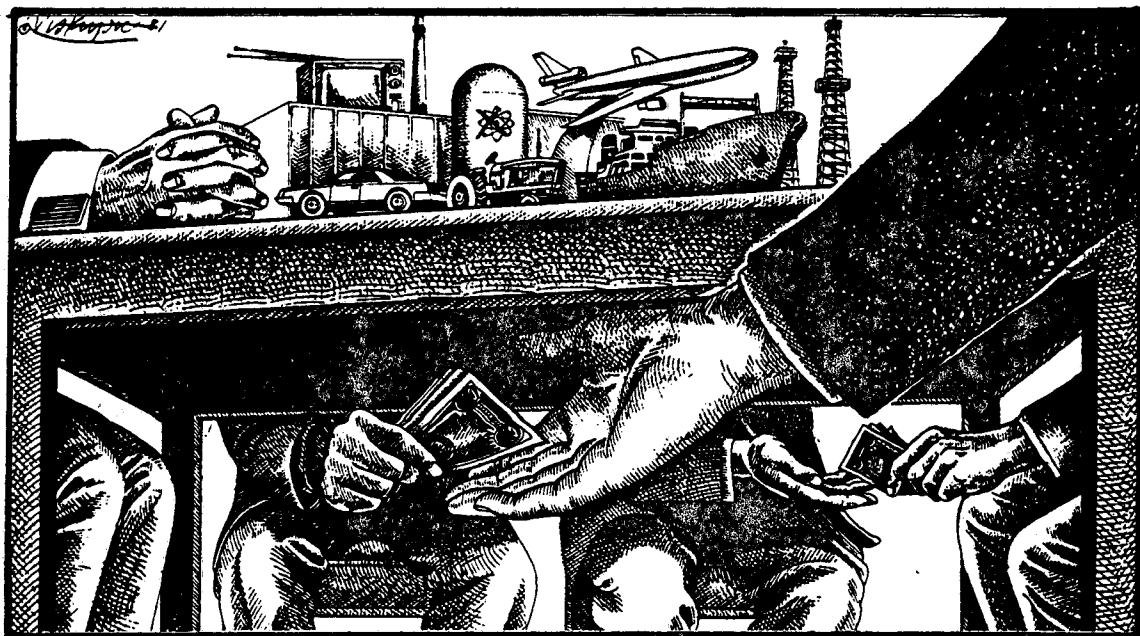
CONTA CORRENTE 00433-0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

BRDESCO

CONTA CORRENTE 24019-2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome de: GRÊMIO SANTA MARIA

QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE



“ROUBE COM SEGURANÇA”

Certa vez um prefeito, muito popular em sua cidade, recebeu reclamações da alta incidência de óbitos num setor respeitável da sociedade: os ladrões. Diziam estes que não podiam exercer sua profissão com segurança, pois a polícia, que os persegua, várias vezes atingia-os mortalmente com seus revólveres. A situação era revoltante: profissionais honestos, incapazes de trabalhar com segurança por causa das armas e da perícia dos policiais.

Desejoso de conservar a popularidade, e temeroso de perdê-la entre os ladrões, o prefeito decidiu lançar a campanha "Roube com segurança". E para que os assaltos fossem de fato seguros, incentivou o uso de coletes a prova de balas. "Não roube sem usar o colete" - diziam propagandas veiculadas pelo jornal, rádio e televisão. O próprio prefeito em pessoa chegou a distribuir gratuitamente coletes aos ladrões mais carentes. E assim a segurança passou a reinar entre os amigos do alheio.

Esta estória, por louca que pareça, é muito similar ao que vem acontecendo nas campanhas contra a AIDS. Nelas não há uma palavra sequer contra o homossexualismo. Afinal as pessoas têm o "direito" de pecar contra a natureza. O cuidado que devem ter é de pecar com segurança. Assim, os atos mais espúrios não devem ser evitados, mas praticados com o uso de "preservativos", que

impedem (?) a passagem do vírus HIV e o contágio da doença. "Homossexuais, continuem se prostituindo, mas não deixem de usar o preservativo! Continuem pecando, mas cuidado com a AIDS!"

E como se distribuem "preservativos" nas escolas e até entre as crianças, o governo está afirmando tacitamente que nossa sociedade é um prostíbulo, que as relações homossexuais não são aberrações anti-naturais e que qualquer criança pode praticá-las (com o cuidado, é claro, de não contrair a AIDS). Estas campanhas de "prevenção" da AIDS são simplesmente hediondas e asquerosas. Seus autores deveriam ser processados por corrupção de crianças e adolescentes.

A tão falada "vacina" contra a AIDS, procurada por tantos, já existe há muito tempo: trata-se do **sexto mandamento** dado por Deus a Moisés: "Não pecar contra a castidade". A AIDS vai terminar no dia em que os homens e as mulheres aprenderem a respeitar seu corpo, templo do Espírito Santo, e a só usarem do sexo dentro do matrimônio, de modo natural e com abertura à procriação. Fora da lei de Deus não há "sexo seguro" para os que hoje se prostituem. Assim como fora do respeito à propriedade nunca haverá segurança para os que agora são ladrões.

Pe. Luiz Carlos Lodi da Cruz
Anápolis - GO

O Irmão Porteiro e o Escravo dos Escravos

Estamos no início do Século XVII. O Irmão Afonso Rodrigues era porteiro do Colégio Jesuíta de Monte Sion, Mallorca, Espanha.

Depois de ficar viúvo, e já tendo certa idade, Afonso entrou para a Companhia de Jesus e foi dedicar-se a Deus no mencionado Colégio. Ali, sua vida era rezar terços e mais terços e ao mesmo tempo dar preciosos conselhos aos jovens do Colégio, encaminhando-os para Deus.

Quantos jovens não descobriram sua verdadeira vocação graças aos conselhos e orações do Santo irmão!

Um belo dia, um jovem brilhante, amigo de Afonso, pergunta a este, qual deveria ser o seu objetivo de vida.

Afonso chama Pedro Cláver (este era o nome do amigo), e vão juntos rezar diante da imagem de Nossa Senhora para que Ela os iluminasse na resposta. Rezaram uma Ave-Maria e Afonso, inspirado pela Graça de Deus, decidiu: Pedro deveria ser padre, e padre Jesuíta, dirigir-se à Colômbia, mais especificamente a Cartagena, porto que recebia os escravos negros trazidos da África e, ali, cuidar desses mesmos escravos.

Pedro seguiu à risca os conselhos do amigo e uma vez padre Jesuíta, foi àquela cidade colombiana realizar seu apostolado pelos escravos.

Ali, batizou centenas de milhares deles, protegeu-os, educou-os, civilizou-os, foi, em resumo, um pai para eles. Mais que isso, consagrou-se a eles como o "Escravo dos Escravos".

Enquanto isso, na Espanha, o irmão Afonso Rodrigues, já velho, continuava com sua tarefa de porteiro em Mont Sion. Nunca mais vira o seu amigo Padre Pedro Cláver. Mas, não o esquecia jamais:

Era para ele e os escravos de Cartagena que o irmão Afonso rezava, com fervorosa devoção, o último Rosário do dia.

Numa bela noite, o bom irmão dirige-se à capela e, ao começar o Rosário, pelo sucesso do apostolado de seu amigo, ele vê extasiado o teto da Igreja se abrir e assiste a uma cena indescritivelmente bela: um cortejo de príncipes, rainhas e reis negros, vestidos com riquíssimas roupas, as mais sublimes, coroados com as jóias mais preciosas e sentando-se em tronos de uma beleza inacessível aos nossos olhos. Ao final do cortejo, vinham Nossa Senhora e Nosso Senhor Jesus Cristo com realezas ainda mais grandiosas.

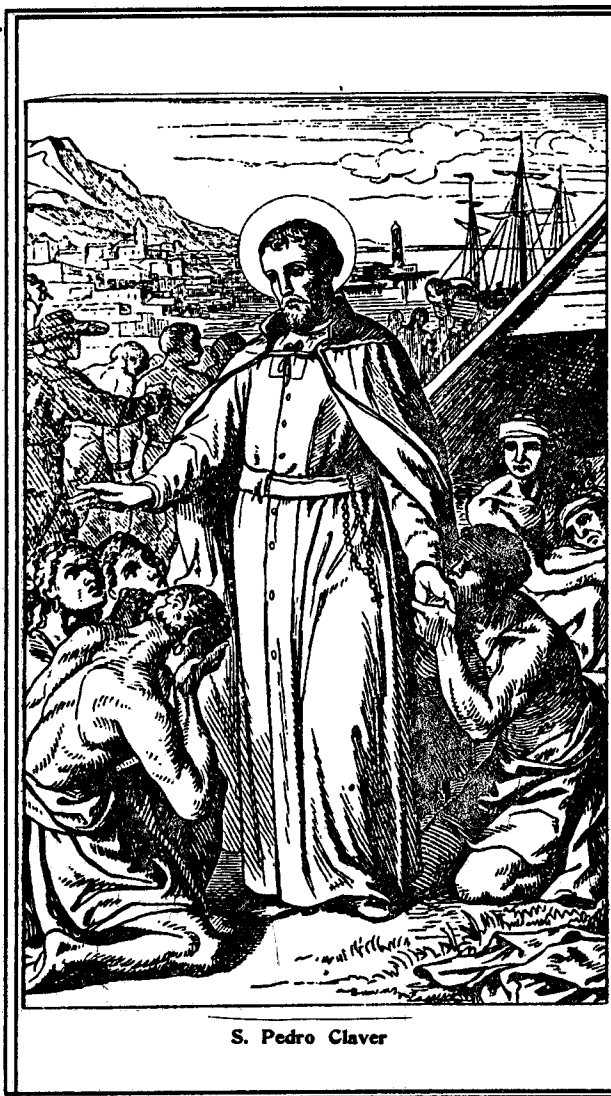
Nesta hora, Afonso ouve uma voz dizer: "Você salvou estas almas".

Afonso, em sua humildade, respondeu: "Não fui eu, foi meu amigo Pedro Cláver".

Terminada a visão miraculosa e terminado o Rosário, Afonso se recolhe à sua cela para descansar.

Desde que se separaram, Afonso e Pedro não nunca mais se viram nesta terra. O encontro entre os dois ocorreu no céu.

Os dois foram canonizados e, juntos a milhares de escravos missionados por S. Pedro Cláver, louvam a Deus Nosso Senhor e a Sua Mãe Santíssima, por toda a eternidade.



S. Pedro Cláver